

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 10 – Abril-Junho de 2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTOS.....	7
O SEGREDO.....	9
Massimo Bontempelli	
<i>Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira</i>	
NO LUGAR DE COSTUME	13
Dino Buzzati	
<i>Tradução: LígiaRockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos</i>	
A BELA DOS ESPELHOS	19
Mario Tobino	
<i>Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi</i>	
O TELEFONEMA DE NATAL	25
Alberto Bevilacqua	
<i>Tradução: Silvia Catarina Rossi</i>	
ENSAIO.....	31
VISUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRADUÇÃO: OS PROVÉRBIOS E AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	33
Graziella Tonfoni e Laura Turbinati	
<i>Tradução: Cláudia Bressan</i>	

O Segredo

Autor: Massimo Bontempelli

Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira¹

Orientação: Prof^a Susana Termignoni

Canuto está pensando que cinquenta anos é uma vida, e longa. Uma vida que ele começou com um ato de covardia. Até os vinte e cinco anos não conta, é uma idade em que não se reflete, que depois se joga fora e então, começa-se a viver seriamente. Canuto a jogou fora com um ato vil, que o levou para longe de sua cidadezinha e começaram cinquenta anos de vida séria: trabalhar, enriquecer, arruinar-se, trabalhar, reerguer-se; e isso umas três, quatro vezes, nem sabe mais quantas.

Hoje, tem setenta e cinco anos e volta para casa. Durante meio século, conseguira não repensar em momento algum o passado; agora o reavalia por inteiro, desde o dia em que partira, aos vinte e cinco anos, quando estava prestes a se casar com Ilaria, que tinha vinte e dois anos e era belíssima. Mas, na véspera do casamento, Canuto fora dominado por um medo vertiginoso. De repente, descobrira que não estava mais apaixonado, torpemente sentira desencadear-se dentro de si todas as ambições que o amor, por algum tempo, sufocara. As núpcias iminentes apresentaram-se diante dele como um abismo à sua espera: deu as costas para o abismo.

Na manhã da véspera, preparou rápida e furtivamente a partida como se prepara uma fuga, mas não quis que fosse uma fuga. Mandara as malas para uma cidade vizinha; antes de pegá-las, dirigiu-se à casa de Ilaria para comunicar-lhe com franqueza sua decisão. Pensou ainda: «Talvez Ilaria me mate, mas é pouco provável. Veremos.» Chegou próximo à sua casa, que era um pouco afastada da cidade em um grupo de casas em direção ao monte. O lugar era deserto e ensolarado. Vendo aquela janela, sentiu um aperto no coração. Para refazer-se, refugiou-se em uma cavidade do muro, sentou-se em uma pedra. Ouviu um barulho do alto da parede de frente. A janela de Ilaria se abria (um tronco lhe permitia ver sem ser visto). Ilaria apareceu na janela. Seus braços nus lançavam raios de luz, ela bateu palmas como uma criança; então, dirigindo-se a alguém que devia estar na janela em frente, Ilaria gritou: «Amanhã me caso, amanhã de manhã, estou tão feliz!» E começou a cantar.

¹ Alunas do Curso de Bacharelado em Letras - Português/ Italiano, graduadas, respectivamente, em 1998 e 1997.

Naquele instante, Canuto perdeu a coragem. Assim que Ilaria retirou-se, Canuto fugiu, chegou à cidade vizinha, de lá mandou-lhe uma carta de despedida e, rapidamente, de trem em trem, sem deixar rastro, chegou a um porto, embarcou, foi para a América e lá permaneceu por cinqüenta anos.

Durante algum tempo, não soubera mais nada de Ilaria. Dois anos mais tarde, um conterrâneo seu, também vindo de além-mar para tentar a sorte, contou-lhe que durante um certo período Ilaria correria perigo de vida e que depois entrara em um estado de doce loucura, no qual acreditava estar sempre na véspera das núpcias. Essa demência a havia salvado. Mais tarde, os poucos parentes que Canuto deixara na cidade, um após o outro, foram morrendo. E assim passaram-se alguns anos ou décadas.

Aos setenta e cinco anos, eis que Canuto volta à sua cidadezinha. Acredita que Ilaria tenha, hoje, setenta e dois anos. Talvez tenha morrido.

A estação da cidade era nova, novo o hotel no qual Canuto ficou (e ninguém reconheceu o seu nome), novas as ruas que na manhã seguinte ele percorreu ao acaso: não encontrou mais a casa onde nascera e vivera até os vinte e cinco anos. Depois do meio-dia, Canuto atravessou a última parte da cidade rumo ao monte; foi em direção ao campo, onde havia um pequeno grupo de casas, uma das quais fora a morada de Ilaria. Aquela região permanecera inalterada. Canuto sentia seu coração bater. Foi se aproximando e eis que à sua frente surgiu aquela janela. Sentiu um aperto no coração, um nó na garganta. Avistou o marco de pedra quebrado, onde no último dia sentara e, sem ser visto, a vira pela última vez. Sentou-se. Escondido na antiga cavidade, fixou o olhar naquela janela. Não sabe exatamente quanto tempo ficou assim. Talvez alguns minutos, sob o sol de maio, com os olhos lá, fixos; quando se ouviu um barulho e a janela se abriu.

Uma mocinha apareceu, e Canuto, com esforço, conteve-se para não gritar: «Ilaria!» Era belíssima, suas tranças negras parecia que queimariam se tocadas, os braços nus lançavam raios de luz: Ilaria de outrora. E ela bateu palmas como uma criança. Depois, voltando-se para alguém que devia estar na janela de frente, gritou: «Amanhã me caso, amanhã de manhã, estou tão feliz!» E começou a cantar.

Canuto pressionou os olhos com as mãos, como querendo afundá-los: morrendo de medo, olhou novamente. Ela. Depois, ela se afastou, entrou no quarto, e ainda podia se ouvir o seu canto cheio de alegria.

«Não é alucinação», pensou Canuto. «Uma filha de Ilaria, claro. O incrível é que também se case amanhã, que o anuncie da janela como ela fizera outrora.»

Voltou a si, obrigou-se a ficar calmo. Subiu, bateu à porta com determinação.

Veio abrir-lhe a mocinha. Mesmo de perto, a semelhança era impressionante. Tendo-se preparado, foi logo dizendo:

«Cheguei agora... sou um velho amigo da família...» A mocinha o interrompeu e, sem surpreender-se e com grande alegria, disse:

«Oh! Entre, entre, o senhor veio para as núpcias, obrigada, obrigada, fique à vontade, estou tão feliz!»

A mesma voz, os mesmos olhos, nenhum traço diferente da outra, a avó.

Perguntou:

«Como você se chama?»

A mocinha, surpresa, responde:

«O senhor não sabe? Ilaria.»

Até o nome, da avó. Canuto sente-se empalidecer.

Queria saber se a avó ainda estava viva. Pergunta:

«Quantos anos você tem?»

«Vinte e dois. Como soube que me caso amanhã?»

Ao invés de responder, ele faz uma estranha pergunta:

«Como se chama o seu noivo?»

Ilaria iluminou-se toda:

«Ele tem um nome belíssimo, o nome de um grande rei, um rei antigo, da

Dinamarca: chama-se Canuto.»

Canuto agarrou com força o braço da poltrona, um estrondo surdo cingiu-lhe a cabeça. A mocinha nem se deu conta, movia-se pela sala leve como uma pluma, correu para uma das janelas, onde o sol despejava seus raios, e de lá gritava a alguém: «Amanhã me caso, amanhã de manhã», depois retirou-se para a outra sala, cantando. Uma porta se abriu e entrou uma senhora idosa. Canuto disse balbuciando:

«Sou um velho amigo da casa, venho de longe, estive ausente por... muitos, muitos anos... A família ...»

«Oh! Senhor» gemeu a mulher «não há mais ninguém da antiga família, exceto ela (apontou com a cabeça para a outra sala de onde vinham as notas mais agudas do seu canto de alegria): sou uma sobrinha distante, ainda jovem vim morar com a tia, para cuidá-la...»

«A tia?»

«Sim, tia Ilaria, não a viu? Há muitos e muitos anos sofreu uma grande desilusão: o noivo a abandonou na véspera do casamento, ela enlouqueceu.»

«Mas esta?... esta jovencinha?...»

«Oh! É tia Ilaria, tem setenta e dois anos, desde aquele dia nunca mais se recuperou, passaram-se cinqüenta anos e pensa sempre estar exatamente naquele dia, na véspera do casamento; por isso aparenta ter a mesma idade que tinha naquela época: não sei como lhe explicar...»

Canuto não respondeu. Tremia; foi embora; e não tornou mais a olhar a janela de Ilaria, Ilaria que soubera parar no tempo, Ilaria que, suprimindo em si o tempo, sozinha descobrira o desesperado segredo da juventude.